

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 267

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 530 réis. Brazil e África, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

## MAUS PRINCIPIOS

Na conferencia havida com o sr. Luiz Morote, á qual não nos referimos, desde logo, por andarmos envolvido na questão religiosa levantada em Aveiro, e por ella absorvido, questão que nos tirou todo o tempo e todo o espaço de que podiamos dispôr, sustentou mais uma vez o sr. Guerra Junqueiro maus principios, que não só passaram sem protesto da parte de toda a imprensa republicana do paiz, como foram por ella perfillados, desde que lhe déram publicidade sem a menor observação, sem o minimo reparo.

E' espantoso! Não podemos acreditar que os republicanos portuguezes estejam d'accordo com o sr. Guerra Junqueiro, quando o poeta afirma que pouco lhe importava a questão politica, a forma de governo, se o chefe do estado fosse um homem á altura da sua missão e do seu destino.

O essencial, acrescentou o auctor da «Morte de D. João», é a forma do governante!

Estão d'accordo os republicanos portuguezes? Aceitam esse modo de ver contradictorio, incoherente, dissolvente, absurdo?

Não. Então porque se calam? Espectaculo unico, este que o partido republicano offerece aos nossos olhos!

Precisamente o spectaculo que censuram nos partidos monarchicos. Precisamente o mesmo. O spectaculo da subserviencia, da abdicacão, da covardia. Ou, se não querem assim, o spectaculo da estupidez!

O sr. Guerra Junqueiro é, sem duvida, um homem de grande talento. E', sem duvida, um homem de caracter. Mas obriga isso alguém, por ventura, a estar em tudo d'accordo com elle? Pelo facto de ter muito talento, pelo facto de ser um homem de caracter, é o sr. Guerra Junqueiro infallivel e intangivel?

E' offensivo da intelligencia e do caracter do sr. Guerra Junqueiro não se concordar com elle n'uma affirmacão de principios, ou exposicão de doutrina? E' o desacordo, quando publicamente manifestado, um acto de rebellião ou de indisciplina?

Quem ousará dizê-lo? Quem ousará affirmar-lo?

O partido republicano é um partido de inquisidores, onde se não pôde manifestar, sem perigo, uma opinião contraria á dos grandes magnates, ou é um partido de democratas? E' um partido de servos, ou é um partido de homens livres?

Se é um partido de democratas, se é um partido de homens livres, se é um partido de opiniões, porque se não oppõe opinião a opinião? Porque se deixam correr mundo, n'uma subserviencia abjecta, n'um mutismo vergonhoso, principios contrarios a todos aquelles que constituem a base fundamental do credo democratico?

Tomem tento, senhores, que é d'essa forma que levam a descrença e o desanimo ao coração do paiz!

O sr. Guerra Junqueiro não fez agora mais—elle proprio o disse—do que repetir o que escreveu nas *Anotações da Patria*. E assim como então protestámos vivamente, assim protestamos hoje. Foi então o Povo de Aveiro o unico periodico

republicano do paiz que protestou. Será hoje o unico, tambem, que protestará

O que não sabemos—nem nos importa—é se os inquisidores da actualidade serão tão ferozes como os inquisidores d'esse tempo, que, por esses e outros actos eguaes de honesta independencia, nos condemnaram á tortura.

Não sabemos, nem nos importa. Sabemos que cumprimos um dever, e isso basta.

Já na *Patria* o sr. Guerra Junqueiro disse que não se importava com a forma de governo. Que para elle o essencial era a forma do governante. Já n'esse tempo o seu sonho era um homem, um mão de redea, um general, a metempsychose do Condestavel.

Ora isto é a negação dos principios democraticos, isto é a proclamação do cezarismo, isto é a troca dos *immortaes principios*, tal e qual a tem feito todos os monarchicos, scepticos ou cynicos, d'este impudico paiz. E os republicanos perfillam a doutrina, dão-lhe publicidade, dão-lhe curso nos seus periodicos, sem uma observação, sem um reparo, o que é o mesmo que approvar, o que é o mesmo que applaudir.

Que phantastico paiz!

Ha 28 annos que quem escreve estas linhas ouviu dizer em Lisboa, n'um comicio, ao sr. Marianno de Carvalho, que era eclectico em forma de governo. Pinheiro Chagas escrevia na imprensa, pela mesma occasião, que todas as formas de governo eram boas, sendo bons os governantes. Essa era a doutrina de Oliveira Martins, desde que adheriu á monarchia. Essa foi a doutrina de todos os scepticos e de todos os cynicos que arrastaram este paiz á bancarrota e á ignominia. D'esses scepticos, d'esses cynicos, que se fartaram de zombar dos *jacobinos* e de encher de ironias os *immortaes principios*.

Precisamente o que faz agora o sr. Guerra Junqueiro, ainda que dotado das melhores das intenções.

Um homem era o marquez de Pombal. Quem continuou a sua obra? Ninguém. Porque não ha obra duradoura, obra continuada, senão a que assenta na existencia, na vigencia, no acatamento, no respeito dos *immortaes principios*. A republica que libertou o mundo, era uma republica de republicanos, uma republica de jacobinos, essa que o sr. Guerra Junqueiro condemna, a que chama *estupida*. Teve excessos, porque a paixão é excessiva. Mas sem paixão não ha os grandes actos que o sr. Guerra Junqueiro reclama.

Foi essa republica de republicanos, foi essa republica de jacobinos que libertou a França e o mundo. No dia em que cahiu nas mãos dos *homens dos generaes, dos eclecticos em fórmulas de governo*, perdeu-se, e com ella se perdeu a liberdade, o direito, a justiça, que tem levado mais de cem annos a encontrar de novo.

O sr. Bernardino Machado, que em mais do que um ponto vae, desgraçadamente, na corrente do sr. Guerra Junqueiro, disse ao mesmo sr. Luiz Morote:

«Nós, os verdadeiros liberaes, duvidamos se não é preferivel uma monarchia, com todas as liberdades effectivas, com todas as descentralisações vivas, ou uma Republica como a franceza, em que o Poder

central é omnimodo, e o regimen autonomo local nullo.»

O sr. Bernardino Machado esqueceu-se apenas de acrescentar que essa republica franceza, que tão poucas sympathias lhe merece, é a prova viva, eloquente, das doutrinas do sr. Guerra Junqueiro. E' uma republica em que foram postos de parte os republicanos. Em que elles só ha meia duzia de annos conseguiram dominar. Uma republica que teve presidentes *miguelistas*—lá chamam-se orleanistas—ou *eclecticos em forma de governo*, presidentes para os quaes a forma do governo era o menos e a forma do governante o essencial.

Tal e qual a republica que o sr. Guerra Junqueiro quer em Portugal.

A Republica de Combes, que é dos republicanos, que é jacobina, por conseguinte *estupida*, essa só merece desdens ao auctor da *Morte de D. João e da Patria*.

Não, sr. Bernardino Machado, não. Não compare a republica franceza de Poder central omnimodo e regimen autonomo local nullo, como sendo um producto de republicanos, com as *monarchias com todas as liberdades effectivas, com todas as descentralisações vivas*.

Porque essa republica não é um producto de republicanos. E' um producto de monarchicos que adheriram á republica, o que faz muita differença. Que adheriram, que a aceitaram que a toleravam.

Os republicanos lá, como em toda parte, cheios de invejas, de despeitos, de sentimentos ruins, guerrearam-se de tal forma uns aos outros que o poder foi cair sempre nas mãos dos que não eram, precisamente, republicanos. Nas mãos d'aquelles para os quaes os principios, a forma do governo era o menos. Nas mãos d'aquelles que não se importavam que o presidente da republica fosse um orleanista, um adventicio, um dilettante. Nas mãos d'aquelles que estavam promptos a pactuar com os padres e reaccionarios de todos os matizes. Tambem lá o grito era: a patria acima de tudo.

O resultado viu-se.

Ái dos principios, ái da patria, quando a republica não fór dos republicanos! Em vez de republica teremos oligarchia.

Desculpe o sr. Guerra Junqueiro. Temos a maior admiração pelo seu talento e muita consideração pelo seu caracter. Mas isso não nos obriga a aceitar como bom tudo quanto s. ex.ª se lembrar de apreçoar.

O grande poeta quer a patria de Herculano, de Camillo, de Anthero e de João de Deus. Olhe: Herculano, só porque meia duzia de marmaros o descompozeram do alto do pulpito, foi para Vallé de Lobos, e amou-se de tal forma que só a instancias de D. Pedro V, e por amor d'este rei, consentiu em levar a sua *Historia de Portugal* até ao 4.º volume. Anthero cahiu n'um pessimismo de tal ordem que se suicidou. Camillo combateu ferozmente o unico estadista que Portugal produziu ha dois seculos. E a parte mais proveitosa e util da obra de João de Deus, a de maior alcance patriótico, foi precisamente aquella que os grandes homens d'esta terra desconhecaram ou desprezaram.

Ái de nós, se a patria portugueza não fór outra!

Quanto aos santos condestaveis

são muito bons... em mumias. D'outra forma, impossiveis. Foram-se os tempos das cavallarias e dos conventos. Foram-se, e não voltam.

Ái de nós, ái de nós, se só um santo condestavel nos podesse redimir!

E para quê? Para que precisamos nós dos santos condestaveis, se na Inglaterra ha uma Republica onde o chefe do Estado adoptou o pseudonymo de Rei?

Que phantasias! E' um homem consagrado que escreve d'essas coisas. Por isso só lhe podemos dar o nome de phantasias! Não fosse uma creatura veneravel e toda a gente lhes chamaria outro nome.

Que phantasias! Não é republica, não. Mas não é uma monarchia tão republicana que a Inglaterra não caminhe para a republica. Para lá caminha, mais depressa do que se julga. Mas se é tão invejavel o governo inglez, provado fica que não é preciso para nada o mão de redea, o autocrata, o santo condestavel, um homem.

O que é preciso é um regimen de liberdade, é um povo educado no amor do trabalho, da justiça, do direito. Lamentamos novamente que os jornaes republicanos deixassem passar sem protesto affirmacões tão prejudiciaes aos principios que dizem professor.

Não estejam de joelhos. Levantem-se e cubram-se. Percam esse habito deprimente e funesto de rezar a Deus.

## A questão clerical

AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS EM FRANÇA

Por extraordinaria abundancia de original não temos continuado os artigos d'esta secção, o que faremos no proximo numero.

## EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

Com este titulo abrimos hoje uma nova secção, instructiva e delectosa, que sem duvida será apreciada pelos leitores.

Iremos dando todas as semanas, dia a dia, com caracter democratico, a nota historica dos grandes acontecimentos, commentando com maior largueza aquelles que mais interessantes nos parecerem.

## Um padre avariado

Em referencia á local que no ultimo numero publicamos com este titulo, escreve-nos um assignante dizendo-nos que é tempo de recorrer a um marmeleiro, como receita suprema para os insultos dos *pré-gadores*.

Na verdade, se é licito desprezar injurias pessoas, não é digno pôr de parte affrontas aos principios.

Aqui por Aveiro os padrecas estão tendo atrevimentos que já não tinham ha muitos annos. Ha por ahí uns *mocinhos* que se vão fazendo demasiadamente insolentes, á sombra da paciencia ou do desprezo dos democratas. Ora tudo tem limite. Até o desprezo.

Por conseguinte lembramos a todos os democratas d'esta terra a necessidade d'ir sacudindo as orelhas, quando os atrevimentos se tornarem excessivos, a esses *mocinhos* esperançosos.

Que tem tanto de carolas, como de pulhas.

E' ir-lhe para a figura, já que não ha outro remedio.

## A instrucção do soldado

Sr. Redactor.

Com este titulo transcrevemos das *Novidades* a carta publicada no nosso ultimo numero, e vamos hoje transcrever a que se segue, ambas transcriptas já tambem pelo nosso collega *O Mundo*:

Permitta-me um esclarecimento á minha ultima carta.

Quando eu digo que só conseguimos, eu, o meu tenente, o meu 1.º sargento, e quatro 2.ºs sargentos que me auxiliavam nos dias de folga, ensinar 14 analphabetos, e habilitar 20 não analphabetos ao exame de 1.º cabo, não se entende que foram esses os unicos recrutados que frequentaram o 1.º curso na minha companhia. Não. Matricularam-se 70. Seguiram o curso, de principio ao fim, 60. Os restantes foram transferidos uns, isentos outros, e demonstraram completa incapacidade alguns. Os 60 aproveitaram todos. Mas dos analphabetos, só 14 conseguiram ler corretamente, escrever de forma legivel e fazer as quatro operações. Os outros ficaram sabendo ler, escrever e contar com menos perfeição. Dos não analphabetos, só mandei 20 a exame de 1.º cabo. Os restantes, que mal soletravam e que faziam garatujas quando pegavam na penna, aproveitaram muito com o ensino progredindo notavelmente. Mas não os julguei em condições de fazer um exame limpo de 1.º cabo.

Note v. que alguns d'estes vieram transferidos de outros corpos, onde estavam sendo ensinados pelo padre capellão. Recebi 11 n'essas condições. Pois nem um eu consegui habilitar ao exame de 1.º cabo. Não os julguei capazes d'isso, apesar da *esfrega* que levaram.

Portanto, fiquemos n'isto. Dos analphabetos, 14 tiveram aproveitamento completo. Dos não analphabetos, 20 fizeram um bom exame de 1.º cabo, ficando 9 aprovados com distincção. Mas, além d'esses, mais 26 seguiram o curso do principio ao fim com aproveitamento. Ao todo 60.

O mesmo, analogamente, succedeu nas outras companhias.

E, já agora, permita-me v. sr. redactor, uma outra observação. Diz-se que o regimento de infantaria 23 se distinguiu nas ultimas manobras. Todos os jornaes o affirmaram, sem discrepancia, tecendo os mais rasgados elogios a esse regimento. Pois bem. Sendo assim, ficou plenamente demonstrado que a instrucção litteraria por companhias não prejudica, em coisa alguma, a instrucção profissional.

Sabe v. que a rotina insinua, a cada instante, que o ensino, como eu o defendo, é prejudicial á instrucção militar. Já por mais do que uma vez eu me vi obrigado a responder nas *Novidades*, e n'outros periodicos a essa insinuação, feita com uma insistencia verdadeiramente impertinente. Affirmei eu, então, que se provava o contrario com documentos officiaes, existentes no proprio ministerio da guerra. No entanto a rotina, que é de má fé, insistia nas insinuações. Felizmente, um successo retumbante acaba de as destruir, dando-me plenissima razão.

Se o regimento de infantaria 23 se distinguiu, notavelmente, nas ultimas manobras, pelo seu aprumo, pela sua disciplina, pela sua resistencia, pela precissão e consciencia das suas evoluções, o regimento dos *litteratos*,

dos cabos pelo método de João de Deus, como os rotineiros desdenhosamente lhe chamavam, é porque a instrução de primeiras letras, a que officias e sargentos patrioticamente se dedicaram, não levou o minimo prejuizo, nem offensa, á instrução militar.

Nem os soldados diminuíram por se terem feito *meninos de collegio*, nem os officias e sargentos por terem exercido as humildes funcções de mestre-escola.

Como isto seria um grande paiz se não possuísse tanto brutinho com ares e gravidade de doutor!

Mas caluda. O silencio é de ouro.

Crei me sempre, sr. redactor,

De v. etc.

Coimbra, —8—9—1904.

Francisco Manuel Homem Christo.

**Dr. Francisco Couceiro**

Ao cabo de algum tempo de descanso, no reino, parte amanhã para Lisboa, no comboio correio da noite, devendo d'alli embarcar com destino a S. Thomé, Africa Occidental, onde occupa o logar de juiz da 1.ª vaca civil, este nosso presadissimo amigo, patricio e dedicado correligionario.

Se o dr. Francisco Couceiro leva sandes d'esta terra, que é a sua, como de facto ha de levar, podemos garantir-lhe n'este momento que tambem as deixa em todos os seus numerosos amigos e admiradores, entre os quaes nos contamos, que vemos em s. ex.ª um caracter impolluto, a par de uma lucida intelligencia, uma alma sã, um coração nobre e, finalmente, um perfeito cavalheiro na accepção mais lata do termo, desprovido de jactanciosas pretensões, ao contrario do que hoje em dia mais se vê, e que o tornam extremamente sympathico e querido de toda a gente.

Sentido deveras a ausencia, para tão longe, do nosso distincto amigo, desejamos-lhe que faça boa viagem, que tenha muita saúde e que as auras da felicidade nunca o desamparem porque d'isso é bem digno.

**A QUESTÃO RELIGIOSA**

Venceram os liberaes em Aveiro, venceram em Lisboa, mercê do bello movimento iniciado pelos republicanos d'esta terra, mas não quer isso dizer que tenham cessado os manejos reaccionarios. Estes são eternos, e hão de durar tanto quanto durar a influencia de Roma.

Eu creio em Deus, dizia o sr. Guerra Junqueiro ao sr. Luiz Morote, na entrevista a que hoje nos referimos em artigo de fundo. Sem Deus, tudo é mysterio, duvida, negação.

Ora Deus é exactamente a maior de todas as duvidas, o mais profundo de todos os mysterios. Mas, com Deus ou sem elle, acreditando-o ou negando-o, o que se não póde permittir é que uma classe continue nos propositos damninhos de impôr o seu predomínio sobre a humanidade.

O sr. Guerra Junqueiro é illogico, como a cada passo lhe succede. Se Deus existe, Deus, rei dos reis, principe dos principes, ha de ter os seus ministros, os seus embaixadores, os seus marechaes, o seu exercito, a sua côrte. Côrte omnipotente, exercito poderoso, ministros indiscutíveis, generaes e marechaes prontamente obedeçidos. A classe sacerdotal tem, n'essa hypothese, toda a razão em querer mandar, em querer predominar absolutamente. São os padres os representantes de Deus. Hão de representa-lo com o brilho e com a omnipotencia que são attributos da propria Divindade.

N'essas questões só ha uma linha de conducta. Uma só coherente e digna. Uma só intelligente. Para pôr de parte o clero, com todos os seus abusos, com todas as suas ameaças á liberdade, ao progresso, á civilisação, é preciso pôr de parte o proprio Deus.

Acreditar em Deus, ir á missa, se é o Deus catholico, apostolico, romano, o nosso Deus official,

receber os sacramentos da Egreja, e gritar depois contra o clero, é tudo quanto ha de menos digno. Sim, tudo quanto ha de menos digno. Quem quizer ter auctoridade para combater as hypocrisias da Egreja ha de começar por largar a hypocrisia que directamente, ou por herança, recebeu da mesma Egreja.

Quem escreve estas linhas não acredita em Deus, não leva os filhos á pia baptismal, dispensa que lhe resem por alma, enfim, rompeu absolutamente com o divino, portanto rompeu absolutamente com a Egreja. Não se tem dado mal com isso. Por romper com Deus, não deixou de acreditar na justiça e na verdade, nem de amar a liberdade e a humanidade. Não deixou de trabalhar sem descanso por um ideal de redempção. Não deixou de ensinar os seus filhos a amar o proximo como a si mesmos. Todos se dão muito bem com esse estado d'alma, em que Deus não entra para nada. Se Deus existe, Deus não se zangou. Vê-nos de cima com olhares de sympathia e de benevolencia. Bastará dizer que o auctor d'estas linhas, depois de ter sido mordido por dezenas de viboras, de serpentes, de reptis venenosos com forma humana, foi mordido por um cão damnado, e de tudo escapou.

Nem pragas, nem maldições, nem mau olhado, nem lingua de vibora, nem dentuça de cão raioso, entrou comnosco. Vamos vivendo que nem um eleito do Senhor. Ou Deus não existe, ou Deus nada se importa com a nossa impiedade, ou Deus sympathisa, até, com a nossa rebeldia.

Sem Deus tudo é mysterio, tudo é duvida. Que heresia! Com Deus é que tudo é duvida. Eu já conheci uma beata que tinha a infelicidade de morar entre duas egrejas. Não imaginam a duvida atroz da pobre creatura. Se dormia sobre o lado direito, voltava as costas á Senhora do Pranto. Se dormia sobre o lado esquerdo, voltava as costas á Senhora da Apresentação. Só tirava a duvida cruel dormindo continuamente de barriga para o ar. Mas, como era só, essa posição constante, sem compensações, era um tormento horrível!

Duvidas, como esta, escrúpulos, hesitações, assaltam a cada instante as pobres creaturas tementes a Deus. O peccado sempre deante dos olhos! A perspectiva horrorosa do inferno a cada instante! Ai que horror!

Quando uma pessoa não acredita em Deus, basta-lhe a vantagem de trazer a menos na cabeça esse peso de cem arrobas. Não se importa com a terça-feira, tanto lhe faz avançar com o pé direito como com o pé esquerdo, tanto se lhe dá jantar com treze pessoas como jantar com vinte, não tem medo nenhum do diabo, não tem receio nenhum das penas do inferno, come carne ou peixe, indifferentemente, quando lhe apraz, não volta os olhos para o lado quando as mulheres arregaçam as saias, antes vê com prazer e olhos d'amor as obras primas da natureza, dorme, sem escrúpulos, com as costas para a Senhora da Apresentação ou para a Senhora do Pranto, não tem o encargo d'ir á missa, nem o de se confessar, nem o

de commungar, o que, além de outras vantagens, representa a de estar livre dos microbios da pia d'agua benta e do confissionario, e tudo isto summado representa de tal fórma uma carga a menos sobre o cerebro, uma economia de tempo e de dinheiro, uma tranquillidade de espirito, que não ha céo nem bemaventurança que o compense, ou que o pague.

Póde o sr. Guerra Junqueiro acredita-lo.

O serviço que eu prestei á minha petizada! Que sonhos tão tranquillos, comparados com os sonhos pavorosos, de que ainda hoje me horroriso, da minha infancia! Tudo era peccado. Tudo era castigo de Deus. Deus ralhava, quando não ralhava castigava e castigava por todas as fórmulas e feitiços. Elle era o trovão, elle era a chuva, elle era o raio, elle era o sol, elle era o percevejo e o proprio mosquito. Picava, furava, rasgava, vergalhava, matava, fazia carrancas, fazia biocos, mettia-se por debaixo das camas, espreitava por detraz das portas, apparecia como phantasma no ar... Ai que horror, que horror!

Era elle que mandava as bruxas, os lobishomens, o tardo, para levar os meninos, para os papar... Que horror!

Que susto, quando chegava a noite. Eram tres horas da tarde e já esse horror se desenhava deante dos meus olhos. Depois ia subindo, subindo, com a tarde. Até que vinha a hora de deitar. Mettia-me na cama a tiritar, como se tivera uma sessão. Cobria a cabeça com a roupa. Mas ai de mim! Nem assim o susto me deixava. Vinham os sonhos malditos, os pesadellos, e toda a noite era uma agonia tal que, pensando hoje n'ella, não sei bem como não fiquei idiota.

Como isto seria uma nação de bellos cerebros sem esse culto catholico, sem esse Deus, que merecem tantos cuidados e tantas poesias a homens, eminentes como o sr. Bernardino Machado, como o sr. Guerra Junqueiro e outros!

Não prestarei outros beneficios aos meus filhos. Mas esse de os livrar dos pavores do peccado, dos castigos tremendos de Deus, esse de lhe dar um somno tranquillo de infancia, esse já eu lh'o prestei.

Se eu um dia tiver de affrontar a colera de Deus, ao menos affronto-a só por um instante. E hei de lhe perguntar, a esse Deus de justiça, se, no fim de contas, adquirir a bemaventurança é rastejar n'um servilismo devoto repugnante, n'um servilismo devoto infame, batendo nos peitos e beijando a terra. Se não fôr, estou certo de que não me tomara a direita, ao lado d'esse ente sublime de virtudes, em cuja realidade eu então acredito, todos, ou quasi todos, que passam a vida a cantar o terço, a papar hostias e a receber indulgencias.

Mas deixemos isso. Todos estes devaneios vieram a proposito da necessidade de estarmos precavidos para novos assaltos da clericalha.

O governo prohibiu os cortejos jesuiticos de Lisboa. Não o fez impunemente. Receou o despertar do espirito democratico, e

esta é a melhor prova de que a questão religiosa é a mais capaz de agitar o paiz. O governo comprehende o que não comprehendem, nem querem comprehendem, varios chefes republicanos. O sr. Hintze Ribeiro bem sabia que ia levantar contra si as furias da clericalha, furias que não são para desprezar, por isso que se aninham nas mais altas regiões governativas. Comtudo, não hesitou. Tal é a probabilidade que elle vê d'uma grave agitação popular!

Mas como a clericalha não cede facilmente, é de prever um assalto e contra isso é que todos os demeratas devem estar fortemente prevenidos.

Acautelemo-nos, pois.

Estejamos em guarda. Ou o governo continua firme nos seus propositos, ou vamos ter grande baralha.

Firmes e attentos. E' este o nosso dever.

**Chapas photographicas «Guillemot»**

Acabam de chegar á casa commercial de Antonio Ferreira Felix, Filhos, Successores, amostras de chapas e papel «Guillemot» que, no dizer dos entendidos são dos melhores productos n'aquelle genero que o estrangeiro fabrica.

Algumas provas vimos nós em exposição na mesma casa, que são um verdadeiro primôr.

Recommendamo los, pois, aos amadores e profissionaes.

**A nossa cartela**

Está Entre-os-Rios, o sr. dr. Manuel Homem de Mello.

Está na Foz do Douro, o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, digno juiz em Caminha.

Fez sexta-feira 84 annos de idade, o sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, morgado de Villarinho.

Deu á luz com feliz successo, uma creança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria do Pilar da Cunha Pimentel Homem de Mello, esposa do sr. dr. Antonio Homem de Mello.

Esteve em Aveiro, o sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, digno medico.

Esteve em Aveiro, regressando a Agueda o sr. José Marques de Castilho, digno director da Escola Districtal de Aveiro.

Partiu para Espinho o nosso amigo sr. Antonio Maria Ferreira.

Regressou das Caldas de Vizella, o sr. José Jacintho de Souza Caldas, digno delegado do Thesouro de Aveiro.

Seguiu para Lisboa o nosso correligionario, sr. dr. José Nunes da Ponte.

Encontra-se em Espinho, com sua familia, o sr. dr. João Maria Simões Suceena digno notario e advogado de Agueda.

Partiu para Crimancellos o sr. Luiz Andrades Villares, do Porto.

Está na Figueira da Foz, o sr. Francisco Pinto Balsemão, considerado negociante da Guarda.

Esteve quinta-feira n'esta cidade, o sr. Manuel Dias Seabra, considerado negociante de Eixo.

A fazer uso de banhos está em Espinho o sr. dr. Affonso de Mello.

Acha-se encommodada de saúde a sr.ª D. Marianna Marcia Bredo Peres Pinto, esposa do sr. dr. Matheus Peres Pinto, illustre medico do partido municipal de Agueda.

Encontra-se em Espinho com sua familia o sr. Manuel Cunha, abastado capitalista d'esta cidade.

Em gozo de licença, está na Figueira da Foz, o nosso amigo sr. Augusto Reis, habil desenhador das obras publicas, de Coimbra.

Tambem aqui vimos o nosso amigo Domingos Fernandes, socio da firma commercial lisbonense Affonso & Simões, acompanhado pelo sr. João Ribeiro dos Santos, tambem de Lisboa.

Com sua familia está em Espinho o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha.

Abre-se não tarda o parlamento. E annunciam-se, desde já, varias reformas. Uma d'ellas é a de instrução secundaria, que tem valido uma das campanhas de imprensa mais energicas e intensas de que ha memoria em Portugal.

E' muito significativo, isso, porque em vez de demonstrar amor ao trabalho, aos progressos e aperfeiçoamentos do paiz, demonstra precisamente o contrario.

Quem tem feito essa campanha? Os professores, que a lei actual incommoda, e os paes, que ella prejudica.

Como eu sempre tenho dicto, não quebro lanças pela lei actual de instrução secundaria. Mas, como sempre tenho dicto tambem, reputo uma grande pouca vergonha deixar em rigoroso silencio as immoralidades de professores e discipulos, ao par e passo que se combate com tanta tenacidade os supostos inconvenientes da lei.

Esta pouca vergonha é que é revoltante.

Vamos, que se censure a lei. Mas censure-se tambem a incuria, o desmazelo, a incapacidade de uma grande parte do professorado. Mas censure-se tambem a mandrice, a indisciplina, o relaxamento dos discipulos, mandrice, indisciplina e relaxamento que os paes mantem, mais do que isso, que os paes estimulam e protegem.

Esta pouca vergonha, esta immoralidade, é que me revolta.

Grita-se que os rapazes não pódem com tanto estudo. Que o actual regimen de instrução secundaria representa uma sobrecarga impossivel, mais propria para endoidecer as creanças do que para as illustrar ou cultivar. Ora a verdade é que a rapaziada não estuda nada, e que os paes tanto se importam que elles estudem, como que não estudem. Os feriados são sem conta. Em certos lyceus, como o de Coimbra, por exemplo, chegam a constituir um verdadeiro desaforo, contra o qual ninguem protesta seriamente. Não protestam professores, não protestam alumnos, não protestam paes nem tutores. Antes, todos os desejam, todos os applaudem.

Por um lado, feriados em numero excessivo. Por outro lado, falta de applicação. Por outro lado, falta de assiduidade dos professores e falta de explicação. E' claro que os rapazes chegam ao fim e não sabem nada.

Resultado necessario. Resultado fatal.

E vem então o berreiro. E veem então os dislates. Uns gritam contra a lei. Outros gritam contra os livros. Outros gritam contra os professores. Apregoa-se que ha injustiças. Injuriam-se os professores. Bate-se-lhes, até. Uma verdadeira desordem. Uma degradingolade indecente, vergonhosa.

E' preciso pôr-lhe termo? E'. Mas não se acaba com ella a clamar simplesmente contra a lei.

O maior mal da instrução secundaria, como de tudo n'este paiz, é a anarchia brava em que vivemos. Este é o mal, o grande mal. Mal que a imprensa deveria tratar, se houvesse em Portugal imprensa digna de tal nome. Mal que todos nós nos devemos esforçar por remediar. Grande toleima é imaginar que se póde levar remedio a essa doença com uma simples lei.

Vejam se põem cõbro á anarchia profunda que vae nos lyceus do reino. Os professores não explicam, em regra, uns porque não sabem, outros, a maioria, porque não querem. Ha professores que faltam extraordinariamente, uns porque são medicos com doentes, outros porque são advogados com clientes, outros pelo inferno. Muitos d'elles não sabem nada, porque não são professores com concurso. São professores interinos, admitidos por empenhos e não escolhidos pelos seus merecimentos. Já se vae para professor do lyceu, como se vae para a alfandega. Um sujeito, que

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

**12 de setembro.** — Morre preso em Cintra, d'um ataque apoplectico, estando a ouvir missa na capella, D. Affonso VI—1683.

Orei casara em 1666 com Maria Francisca Izabel de Saboya, que entrou em Lisboa no dia 9 de agosto d'esse anno, a bordo do navio chefe da esquadra franceza commandada pelo Marquez de Rudigny.

O conde de Castello Melhor, grande politico, primeiro ministro de D. Affonso VI, reconheceu desde logo o caracter ambicioso e voluntarioso da rainha, assustando-se. De facto, quinze dias depois de ter chegado, já a rainha conspirava contra o grande ministro, associando-se, para isso, ao infante D. Pedro, irmão do rei, que se tornou seu amante. Estes amores, ostentados sem reboço, sem pudor, romperam breve n'um grande escandalo. Os dois amantes pensaram logo em desthronar o rei, antipathico por varios motivos, mas sobretudo pela confiança extrema que depositava no conde de Castello Melhor, geralmente odiado pela sua grande superioridade.

Tramada a conspiração, conseguiu esta, primeiro, afastar da corte o grande ministro, obrigado a pedir a demissão; a 21 de novembro de 1667 D. Maria Francisca de Saboya abandonava o paço, acensando seu marido *de impotencia*, e pedindo, por esse motivo, a nullidade do casamento.

As scenas escandalosas que se seguiram mal se podem descrever. Escandalosas não dizem bem: obscenas.

Foram interrogadas sobre as relações entre o rei e a rainha mulheres de diversas categorias, que tiveram de calcar aos pés o pudor e a decencia, para satisfazer ás miltiezas investigações dos juizes; a rainha fez confidencias vergonhosas e por fim preferiu-se a sentença annullando o matrimonio.

Os dois cúmplices casaram logo. D. Affonso VI foi desthronado e preso. Proclamou-se a regencia de D. Pedro II. E o conde de Castello Melhor, que tinha salvaguardado, dignamente a honra de Portugal, que com uma extrema habilidade fez triumphar a nossa diplomacia e as nossas armas, viu cortado e perdido o seu grandioso plano de reformas e de regeneração nacional. O mesmo que aconteceu, mais tarde, ao Marquez de Pombal.

E' inutil a obra d'um homem, por mais extraordinario que elle seja, quando essa obra não assenta na consciencia d'um nucleo, pelo menos, intelligente, e culto, bastante resolutivo para a poder continuar.

E esse nucleo não existe nunc nos governos dissolutos e despoticos.

**13 de setembro.** — Morre em Valle de Lobos, 1878, Alexandre Herculano, que nasceu em Lisboa a 28 de março de 1810.

Alexandre Herculano não se envolveu abertamente, e voluntariamente, na revolução liberal. A sua emigração foi devida a um mero accidente. Achava-se na rua, quando passou o 4 de infantaria revoltado. Vencido, aprisionado e fuzilado este regimento, o governo miguelista fez prender todos os populares que presenciaram o desfile do regimento. Para fugir á prisão, Herculano teve de emigrar. E, assim, de monarchico abso lutista, porque o era, teve de passar, á força, a monarchico constitucional.

Na emigração adquiriu Herculano grandes conhecimentos. Regressando á patria escreveu varios livros, dos quaes o mais notavel foi a *Historia de Portugal*.

Herculano foi um dos homens que encarnaram com mais perfeição o character nacional. Com um notavel fundo de franqueza e seriedade, foi um grande vaidoso, d'uma susceptibilidade mesquinha, um incoherente, um contradictorio, sem grandes vistas, nem largo horizonte. Foi, antes de tudo, um artista da palavra, como mais tarde Oliveira Martins, Ega de Queiroz, Guerra Junqueiro, contradictorios, incoherentes como elle, sem grandes convicções, nem pontos de vista definidos sobre as reformas a introduzir na patria portugueza para lhe levantar e assegurar os destinos, subordinando tudo aos offeitos artisticos do estylo, a maior preocupação de todos elles.

Assim, porque os reaccionarios *ousaram desrespeitar* lo, Herculano fugiu do mundo, azedo, despeitado, amado, encerrou-se em Valle de Lobos e desistiu de continuar a sua historia de Portugal. *Só por amor d'um principe*, elle mesmo o confessa no 1.º volume d'esta obra notavel, consentiu em a levar até ao fim da *epocha mais obscura*, como elle lhe chamava, da nossa vida historica. *Só por amor d'um principel*

Isto define o homem. De resto, foi o mesmo em tudo. Exaltando o casamento civil, casou-se religiosamente; dizendo-se liberal tratou sempre com o maior desdém a democracia. Etc.

Repetimos: as mesmas contradicções que se notaram em Oliveira Martins e em Ega de Queiroz, e as mesmas que se notam em Guerra Junqueiro.

Portugal dá muitos artistas da palavra. Não dá um unico reformador, um estadista, um politico, na accepção nobre e grande d'este termo. Parece um paiz de tresloucados.

**14 de setembro.** — Morre Dante, o maior poeta italiano, nascido em Florença, em 1265, morto em Ravenna, em 1321. Apaixonado por Beatriz, filha de Folco Portinari, é esta mulher que lhe exalta o sentimento e lhe provoca a sua extraordinaria inspiração poetica. O seu poema immortall é a *Divina Comedia*.

Florença estava entregue, n'essa epocha, á lucta violenta de dois partidos: os guelfos e os gibelinos. Dos guelfos ainda havia duas facções: a dos aristocratas e a dos democratás. Dante seguiu a facção democrata, ou popular, o que lhe valeu as maiores perseguições dos aristocratas. Foi primeiramente condemnado ao exilio, a sua casa arrasada e os seus bens confiscados. Depois foi condemnado á morte. Então começaram para elle as suas dolorosas peregrinações atravez da Italia. Refugiado em Verona, em Padua, no Tyrol, em Frioul, em Gubbio, em Ravenna, aqui veio a morrer, chorando a *amargura do pão do exilio* e a *tristeza da casa alheia*.

Todas as suas grandes obras, incluindo a maior de todas, a *Divina Comedia*, foram escriptas no exilio.

**15 de setembro.** — Morre Hoche, 1797, em Wetzlar. Luiz Lazaro Hoche, republicano convicto, ardente, entusiasta, foi o maior general da grande, da gloriosa Revolução. Tera sido o unico, se vivesse, capaz de tomar o passo a Bonaparte, impedindo-lhe a traição. Era, na opinião do proprio traidor, um *verdadero homem de guerra*.

Venceu os austriacos, os prussianos, os inglezes, os Vendeanos, os emigrados realistas, em batalhas successivas.

Todos os historiadores são unanimes em o considerar uma das figuras mais gloriosas e mais puras da Revolução.

Morreu com 29 annos, sendo sepultado ao lado de Marceau, outro grande general, de convicções tambem profundamente republicanas. Tem uma estatua em Versailles.

**16 de setembro.** — Nasce Kossuth, 1802, o grande patriota hungaro, e D. Pedro V, 1837, creatura sympathica, mas perigosa pelos preconceitos da sua educação e entranhado fanatismo religioso. Deixou de reinar em boa altura.

Morre Torquemada, 1498. O padre Thomaz de Torquemada, de Valladolid, foi o primeiro inquisidor mór de Hespanha. Referem os historiadores clericos, que são insuspeitos, que Torquemada viu queimar, em 18 annos, oito mil e cem pessoas vivas e seis mil e quinhentas em effigie ou mortas. No mesmo periodo, o numero das pessoas a quem foram confiscados os bens, e que o tribunal do *santo officio* condemnou a prisão perpetua, elevou-se a *noventa mil*. Torquemada foi assassinado. Este assassinio foi expiado, diz o clerical e conservador Cantú, com *ondas de sangue*.

**17 de setembro.** — Chega Victor Hugo a Paris, da emigração, 1870. Funda-se a *Internacional*, em Londres, 1864. Revolução republicana, 1848, em Frankfurt.

**18 de setembro.** — O exercito italiano bate as portas de Roma, 1870.

A noticia da derrota da França em Sedan, do captiveiro de Napoleão III e da queda da sua dynastia, chegada no dia 4 de setembro, produziu em toda a Italia uma agitação espantosa. No dia 5 houve em Roma sérios motins. No dia 6, Victor Manuel pediu ao novo governo francez, nascido a 4 de setembro da derrota e das ruinas do paiz, que denunciasse a convenção de 15 de setembro de 1864. O governo francez recusou. Então Victor Manuel mandou pelo conde Ponza di San Martino offerecer ao papa garantias para o seu poder espiritual, ao mesmo tempo que dirigia ás potencias uma circular no mesmo sentido. Em 8, o exercito italiano transpoz, em muitos pontos, a fronteira dos Estados Pontificios.

A 18, o general italiano Cadorna, levando adiante de si as tropas pontificas, que recuavam sobre Ponte Molle, chegou ás portas de Roma e pediu ao papa que o deixasse entrar. O ministro da guerra pontificio, Kanzer, preparando-se para á defeza, recusou. A 22 Cadorna abriu brecha, com fogo d'artilheria, nos velhos muros da cidade eterna, do lado da porta Pia, ao sul, e da porta de São Paneracio, a sudoeste. Quando ia começar o fogo de infantaria, o papa mandou ordenar ás suas tropas que deposessem as armas em toda a linha.

Foi nas escadas de S. Pedro que Pio IX disse o ultimo adeus aos seus soldados e lhes deitou á Benção. O poder temporal tinha deixado de existir e os italianos ficavam, emfim, senhores de Roma. Á mesma hora em que as tropas allemãs acabavam de fechar o cerco a Paris. A 2 d'outubro o suffragio universal, applicado aos Estados da Igreja, votava a annexação por uma grande maioria, e o rei Victor Manuel, recebendo o resultado, a 8 d'esse mez, quando a França perdia os seus ultimos exercitos, podia dizer triumphante que os *provas italianos eram, finalmente, senhores dos seus d'stinios*.

Quem o diria ao papa mezes antes, quanto julgava attingir o apogeo da força e da gloria.

ELEIÇÕES

Porque será que os franciscanos da terra, que tantas forças apregoavam, não disputam as eleições municipaes?

Já é ter força! Dispõem do concelho, não há que ver. Teem-no na mão. Mas, generosos, e patriotas, não querem privar a cidade da boa administração municipal que vem tendo há tres annos.

Que pataratas! Que insignificantes!

Nós bem diziamos ao mórgado do Carmo que quando mal se precatasse lhe caberia o partido, á vontade, dentro d'uma carroça.

Va vendo se não tinhamos razão,

Fallecimento

Falleceu na quarta-feira de manhã, a s.ª Roza Moreira, irmã do sr. Pedro Moreira, activo negociante d'esta praça.

A desventurada senhora succumbiu aos estragos d'uma horrivel doença que ha annos lhe vinha minando a existência. A suas filhas, e genros e especialmente ao seu irmão, os nobres sentimentos pezarão.

PUBLICAÇÕES

**Jornal de Bordados.** — Recebemos o n.º 4 d'este periodico artistico consagrado ao desenho de riscos, lettras ornamentadas e monogrammas, para bordar.

Além d'isso, traz a bella *manuzka* para piano intitulado — *Uma surpresa*. O prego do *Jornal de Bordados* é apenas de 60 reis, e 12 numeros 700 reis.

Assigna-se e vende-se na livraria editora de Souza Brito & C.ª, travessa de D. Pedro, esquina da rua do Almada, Porto.

**Um Homem Perigoso.** — Recebemos os fasciculos 6.º e 7.º d'este romance, editado pelo nosso collega *Imparcial do Mar*. Preço de cada fasciculo 60 reis. *Agradecemos*.

quer ganhar uns cobres, arranja á ser professor do lyceu como arranjaria a ser empregado nas obras publicas, ou no sello. E' uma tremendissima pouca vergonha, mas contra essa não fala *nenhum* dos papeis que tanto se esfalfam a gritar contra a lei da instrucção secundaria.

Além da falta de assiduidade, além da falta de zelo, além da falta de capacidade dos professores, temos a bella mandrice dos meninos, que só sonham com a cabula e com os feriados. E' sabido, e notado nos lyceus, que são raros os paes que se aproveitam da concessão que lhes faz o regulamento para estarem em dia com o aproveitamento dos alumnos. Apontam-se a dedo os que vão todos os mezes ao director de classe, ou ao reitor, pedir noticias da frequencia dos filhos, ou tutelados. Deixam-nos á vontade. São os primeiros a animar a mandrice, por todas as fórmas. E depois clamam contra os professores, contra a lei e contra tudo.

Ha tambem a parcialidade do professor, sempre prompto a favorecer o menino recomendado, com prejuizo, ou, pelo menos, com injustiça relativa para o que não tem recommendações. E outros actos identicos de anarchia furiosa.

Para que a situação melhorasse notavelmente bastaria que o reitor subordinasse a velleidade de passar por boa pessoa, o interesse politico, ou a conveniencia pessoal que o leva a não querer desagradar a ninguem, ao cumprimento do dever, e que o chefe de familia, por seu lado, tivesse o cuidado de velar o alumno, obrigando-o a respeitar o estudo e os mestres, fazendo d'elle um estudante applicado e disciplinado. Seria o sufficiente para que os males da lei ficassem consideravelmente attenuados. De contrario, podem fazer *mil leis* que continuaremos na mesma, ou peor.

Nenhuma lei resiste a esse espirito de relaxamento, de abandono, de favoritismo, de subserviencia para uns e de violencia e insolencia para outros, a esse espirito de formidavel indisciplina, de tremenda anarchia, que invadiu a sociedade portugueza, dissolvendo tudo.

E' essa a terrivel enfermidade nacional, que ninguem procura combater. A imprensa, que tão notavel papel poderia exercer n'esse sentido, é a primeira a auxiliar, a avolumar a corrente. Está sempre prompta a lisongear os vicios e os defeitos do maior numero. Contrarios, censura-los, *pode tirar leitores*, e a gazeta quer viver, seja como for.

Por isso mesmo nós só ouvimos gritar contra a lei de instrucção secundaria, sem ouvirmos *nunca* gritar contra aquelles que a executam, e contra os paes que desmoralizam os filhos. Gritam os professores para não terem trabalho. O que elles querem é que a lei os allivie, tirando-lhes toda a responsabilidade, embora não haja quem lhes peça contas severas dos seus actos. E gritam os paes, porque o seu unico objectivo é que os filhos passem com facilidade. Não ficam sabendo nada? Bem se importam elles com isso! Cheguem os rapazes a doutores, que a politica se encarregará de lhes dar de comer. A grande questão é ser *doutor*. O diploma, neste paiz, é tudo. A sabedoria não é nada.

A prova mais eloquente de que as gazetas indigenas não gritam contra o regimen de instrucção secundaria por amor da instrucção, está no desprezo a que as mesmas gazetas votam a instrucção primaria. E' intensa, como já dissemos, a campanha que se vem fazendo a favor da reforma da instrucção secundaria. Que campanha teem feito as mesmas gazetas a favor da instrucção primaria? Nenhuma. Raramente se encontra no jornalismo portuguez um artigo sobre esse assumpto. E se algum apparece, é frio, isolado, descontinuado, uma coisa chôcha, que não tira nem põe.

D'onde se vê que tantos e tão continuados artigos contra o actual regimen da instrucção secundaria só teem um fim: facilitar a mandrice. Mais nada.

Outro seria o caminho do jornalismo portuguez se tivesse a aspiração generosa, e sincera, de elevar a cultura, de fazer subir o nivel intellectual do paiz. E, por interesse proprio, precisava de o seguir.

Em Portugal não ha jornalistas, nem escriptores independentes, porque não ha publico para manter essa independencia. São muitos os prejuizos, e de varias ordens, que resultam da nossa profunda ignorancia. Mas esse é talvez o maior de todos.

Todos os nossos escriptores se veem forçados a abdicar da sua independencia, para se tornarem serventuários das quadrilhas financeiras ou politicas. E os raros, rarissimos, que teem tempera d'aço para resistir ás privações e á miseria, cahem, pelo menos, no scepticismo ou no desalento. Quando a miseria entra pela porta, a virtude sahe pela janella. Mas, se fica, definha, estiola, adocece. A fome é má conselheira e faz má orelha. Quando não leva ao desespero, leva ao aniquilamento e á morte.

Os escriptores notaveis, que se não tornam lacaios dos quadrilheiros triumphantes, cahem n'um pessimismo ou n'um desanimo tão profundo que os inutilisa. Ter enthusiasmo, audacia, energia, é facil, quando o corpo está são e o espirito. Mas é muito difficil no caso opposto. Ora onde faltam os guias espirituaes, os luctadores da idéa, os adversarios audazes e fortes das almas, não ha liberdade, não ha justiça, não ha espirito de nação, não ha nada.

Desde que o jornalista, desde que o escriptor portuguez não tem publico que o leia, desde que as suas obras não lhe dão os recursos materiaes e moraes que tornam a vida facil e alegre, a sua independencia não existe, e o paiz perdeu a força enorme que d'ella poderia resultar.

Enorme! Enorme! Não ha força igual a essa. Perdida ella, está perdido tudo.

E essa força não existe em Portugal. Nós não temos jornalistas. Nós não temos escriptores. Portanto, não temos uma opinião forte e sadia, que se imponha e se faça respeitar.

Os nossos jornalistas são uns pobres homens, que trabalham a soldo, como os trabalhadores de enxada, sempre com medo do patrão os despedir, ou do publico restricto que os lê, por um capricho repentino ou um amto os mandar á fava. Os nossos escriptores ou escrevem por simples dilettantismo, — e não podem ferir as susceptibilidades nem os interesses dos politicos ou dos financeiros que os alimentam na burocracia ou nos grandes syndicatos — ou andam com as calças rotas, pedindo aos editores a esmola de lhe editarem os livros, a troco do que elles lhes *quizerem dar*.

Uma grande miseria.

Mas podiam ser pelintras sem deixar de ser previdentes. E se fossem previdentes empregavam todos os esforços por augmentar a cultura geral, porque d'esta forma servindo os proprios interesses serviam, ao mesmo tempo, os interesses sagrados da terra em que nasceram.

Mas são d'um egoismo tão estreito que lhes tapa completamente o horizonte.

Não veem, nem querem ver. Acostumaram-se á miseria, á pelintrice, á abdicação de todos os sentimentos nobres e dão-se bem com isso.

A. B.

TRANSCRIPÇÕES

A *Resistencia*, de Coimbra, e A *Voz Publica*, de Evora, transcreveram o nosso artigo *A Immaculada Conceição em Aveiro — Nós e elles*. Tambem O *Norte* transcreveu uma parte d'esse artigo.

A proposito dos acontecimentos de Aveiro muitos jornaes fazem ao *Povo de Aveiro* as mais amaveis referencias. Os nossos agradecimentos a todos.

# METHODO JOÃO DE DEUS

## LEITURA

*Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000  
**Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000  
*Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200  
**Gua prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

## ESCRIPTA

**Arte de Escripção**—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

### Livros de polémica sobre o Método

**A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500

Do mesmo auctor:

## LITTERATURA

**Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700  
**Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

## DEPOSITO GERAL

### Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguales d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

### Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

## AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

### Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

## AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79



## PRAÇA DE TOUROS

NO

### PHAROL DA BARRA DE AVEIRO

Domingo, 25 e Segunda-feira, 26 de setembro de 1904

Duas deslumbrantes touradas por occasião das populares festas á Senhora da Saude, na Costa Nova, e Senhora dos Navegantes, no Forte da Barra.

### 7 touros em cada tarde

*Cavalleiro* — O muito applaudido e arrojado

### MANUEL PRUDENCIO

distincto professor d'equitação, no Porto.

*Bandarilheiros* — Os reputados e festejados artistas Luiz Homem, Cecilio de Sousa e Luciano Moreira, das Praças de Algés e Campo Pequeno.

Depois de corrido o 3.º touro haverá um intervallo de 15 minutos.

O 7.º touro é destinado aos curiosos.

Abrilhanta as corridas a phylarmonica **Aveirense**.

Um valente grupo de forcados d'Aveiro fará as pégas que o sr. director da corrida determinar.

Por especial obsequio ao empresario é director das corridas o distincto *sportman* sr. Mario Duarte.

Os camarotes achar-se-hão lindamente adornados.

O bandarilheiro Luciano Moreira dará o **arriscado salto de vara** em ambas as tardes.

Aos touros, pois, *aficionados!*

**José Monteiro Telles** dos Santos J. or

**DENTISTA MECANICO**

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obra a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

## Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

# EMPREZA CERAMICA

DA

## FORTE NOVA

DE

### Mello Guimarães & Irmãos

## AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marsella, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

## PREÇOS MODICOS

## JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

### Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

### ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, paellas de ferro fundidas e estauiladas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiaes, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO